

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

ORGÃO DA UNIÃO CATHOLICA  
EM PORTUGAL

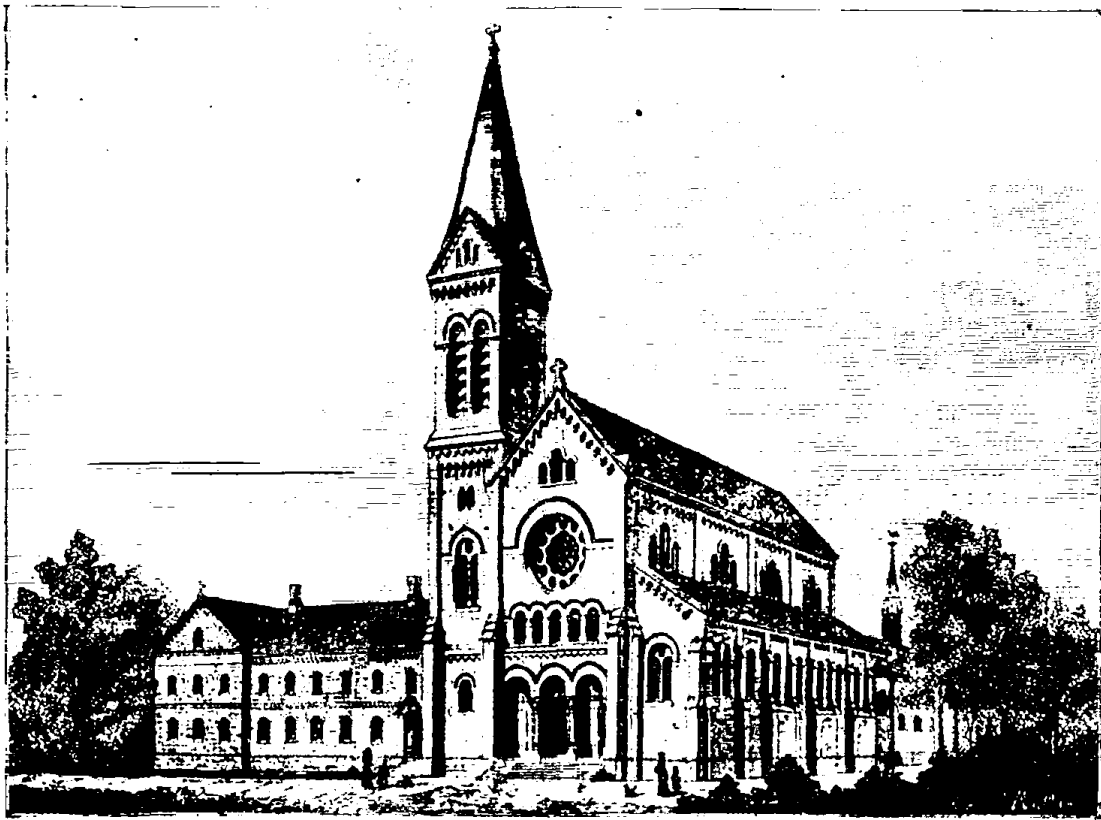
... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO:

**O** NUNCIO DE SUA SANTIDADE, A IMPRENSA REVOLUCIONARIA, E NÓS, pela redacção.—SECCÃO RELIGIOSA: *Progresso*, V, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Questão social*, por Dom Antonio de Almeida; *Um como arrembado do «Dia a Dia»*, pelo Padre Francisco dos Santos e Cunha.—SECCÃO SCIENTIFICA: *O artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do Sr. Julio Ferry* (continuação), pelo Padre Felix.—SECCÃO HISTORICA: *Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja desde Herodes até nossos dias* (continuação).—SECCÃO CRITICA: *As missões, a proposito da questão Brazza*, pelo Padre Vaz.—SECCÃO LITTERARIA: *Jesus dormindo nos braços de S. José* (poesia), por C. S.—SECCÃO ARTISTICA: *A architectura ogival e o ideal christão*, pelo Padre F. Sanches.—SECCÃO ILLUSTRADA: *D. Fr. Cactano Brandão, II*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos; *Igreja de S. Francisco em Milwaukee*, por R.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande*, por Teixeira de Freitas.



EGREJA DE S. FRANCISCO EM MILWANKEE

GUIMARÃES 30 DE DEZEMBRO DE 1882

O Nuncio de Sua Santidade,  
a imprensa revolucionaria, e nós

**T**OCÁRA a rebate nos arraiaes do cha-  
fariqueirismo portuguez e todas as  
forças de Satanaz se reuniram.  
De um a outro extremo de Portugal

soára o grito medonho, sahido das ca-  
vernas pestíferas do maçonismo.

E todos os jornaes, que contornam a  
bandeira liberal, esquecidos os padrões  
dos uniformes, os galões distinctivos das  
gradações, se acercaram mais e mais  
d'essa bandeira e herraram. Berraram,  
está dito tudo.

A pessoa respeitavel do Nuncio de Sua

Santidade foi o alvo escolhido para os  
tiros da má creação liberal. Todos sal-  
taram a arena, e, com vestes truanes-  
cas, arremessaram a sua pedra.

Monsenhor Masella, vulto respeitavel  
entre os mais respeitaveis vultos que  
formam a côrte brilhante de Leão XIII,  
sorriu, com aquelle sorriso de bondade  
proprio dos representantes dos Aposto-

los, dos disparates da imprensa revolucionaria, adivinhando desde logo onde ella se dirigia, qual o ponto que tinha em mira.

Os catholicos forinaram-se em linha de batalha ao lado de S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>, e a imprensa catholica do paiz collocou-se á testa do movimento. A raiva, porém, dos defensores da *liberdade*, soprada pelas tubas desesperadas das cavernas maçonicas, recrudescia, e as baixezas, o insulto suez e por vezes tocando as raias do regateirismo baixo, pejou as columnas do gazetismo monarchico-liberal-co-republicano. Foi durante muitos dias um fogo vivissimo de insultos, de calumnias, dirigido ao respeitavel e venerando Monsenhor Masella, por esses filhos degenerados de um paiz que timbrou sempre em se tornar entre as nações cultas o mais denodado respeitador da Igreja, do Papa, e dos seus legados.

Accusaram cynicamente Monsenhor Masella de offender a dignidade do paiz; e era esta accusação feita por aquelles que mais tem offendido e calçado aos pés a dignidade d'este pobre Portugal.

Accusaram S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> de estar em permanente conspiração contra a dignidade e os direitos do clero portuguez; e era esta accusação feita por aquelles que só tem insultos que offerter ao clero: que o apedrejam em meio das ruas publicas das cidades principaes do paiz; que lhe pozeram em praça os bens; que os despojaram de tudo quanto elle possuia, de tudo quanto o fazia grande e respeitavel, tornando cada um de seus membros um simples empregado do Estado.

Accusaram o representante de Sua Santidade de desconhecer e desacatar as mais claras intenções do Chefe da Igreja Catholica. E esta accusação era feita por aquelles que todos os dias calcam aos pés as leis da Igreja e rasgam os ensinamentos do seu Vigario; pelos que decretam o casamento civil, que secularisam os enterros, que ordenam a violação do preceito dominical. E' feita esta accusação pelos que extinguem contra vontade do Papa as ordens religiosas; que deixam, contra vontade do Papa, invadir os dominios do Padroado Portuguez na India por missionarios protestantes; que apedrejam e insultam, contra a vontade do Papa, as irmãs de caridade etc. etc. etc.

E accusando o liberalismo o representante do Vigario de Jesus Christo de todos os crimes que elle commette todos os dias, qual a razão porque o não estima, e lhe dedica bombasticos artigos nas paginas de suas gazetas? Sim, inimigos do Deus e da sociedade; se Monsenhor Masella é tudo que vós dizeis porque o não adoraes? porque o não tendes no logar onde collocaes os Ayres e os Candidos?

E' que os defeitos de S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> Monsenhor Masella bem sabemos nós quaes elles sejam e d'aqui o odio que lhe consagraes.

O representante do Papa em Portugal é estrenuo defensor dos direitos da Igreja, e submisso respeitador dos dictames do seu Vigario, e por ter estes *defeitos*, é que vós, manequins amarrados ao carro do gran mestrado da maçonaria, lhe fazeis guerra, o apontaes como inimigo do Papa, porque tendes a certeza de que elle, por todos os modos se hade oppor á confirmação dos bispos por vós nomeados nas chafaricas.

O representante do Papa em Portugal é amigo do clero, deseja que se lhe respeitem os direitos e que elle seja respeitado e elevado á altura a que sempre chegou o clero portuguez; e é por elle ter este *defeito*, por querer o que vós não quereis, que vós o mimosea- teis já com pedradas, como tendes feito a todos os membros do clero que não conheceis das palestras chafariqueiras.

O representante do Papa em Portugal tem feito sempre porque o paiz seja respeitado e digno, o que prova o muito que se empenha para que a escolha de bispos seja acertada. Se elle quizesse offender a dignidade do paiz, como vós, deixaria amplo caminho aos vossos padres para as cadeiras episcopaes, preparando assim um continuo gargalhar das nações catholicas diante do paiz que nomeou para bispos padres que até de serem padres se envergonham. Elle, o representante de Sua Santidade, é que se oppõe a que vós offendaes a dignidade de um paiz que foi respeitado sempre pelas respeitaveis illustrações que elevou ao episcopado.

Eis aqui ficam os defeitos de Monsenhor Masella, actual Nuncio de Sua Santidade em Portugal, e que tanto fizeram berrar a imprensa liberal do nosso paiz.

Contra essa berraria aqui lavramos solemnemente um energico protesto, protesto que depomos reverentes aos pés de S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>, como signal do nosso reconhecimento por tudo quanto S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> fizer para nos livrar de bispos maçonicos, livrando-nos assim de sermos escarnecidos e apontados pelas nações cultas como um povo sem dignidade: livrando Portugal das garras da impiedade, e preparando dias de gloria e prosperidade para a Igreja Lusitana.

E' este o nosso protesto, o protesto de escriptores catholicos, que ha mais de quatro annos nos agrupamos em volta da bandeira, em cujas dobras escreveramos as palavras—*Progresso Catholico*; bandeira que havemos conservar hasteada emquanto Deus o permittir, porque só Elle nos pôde obrigar a enrolal-a.

Só Elle; e emquanto Elle o não decretar estaremos firmes no nosso posto,

promptos para todos os perigos, mas não a baixezas que nos degradem.

A REDACÇÃO.

## Secção Religiosa

### PROGRESSO

V

**E**M uma reunião de pessoas, entre as quaes se achava uma senhora, fallou-se do progresso. Um individuo principiou de discorrer sobre o progresso do espirito humano em nossos dias, acabando por declarar que o catholicismo estava fóra das vias do progresso, que era um anachronismo, que passara de moda, que não correspondia ás aspirações da humanidade, que era inteiramente fossil e retrogrado.

Alguns applaudiram mais ou menos o infatuado discursador; outros apenas riram; a senhora, porém, guardava silencio significativo de desapprovação. Até que se resolveu a perguntar: Não me dirá, senhor, o que intende por progresso? que contradicção haja entre elle e o catholicismo?

O philosopho explicou em um longo aranzel o que era o progresso.

Cada vez entendendo menos, disse a senhora; mas não vejo a menor incompatibilidade entre o catholicismo e o progresso, sendo bem entendidas estas duas cousas. O que eu vejo é que o senhor está atrazado mais de dezoito seculos. E' preciso ser um chapado ignorante para não confessar que com o christianismo brilhou no mundo a civilisação, a luz e o progresso. Se não fosse elle, ainda hoje estariamos na barbaria e degradação. As vossas ideias, senhor, são inteiramente pagãs, e pertencem á eschola de Epicuro, que morreu 270 annos antes de Jesus Christo. Sois um perfeito retrogrado, porque, sendo baptisado, educado no catholicismo, e professando por muito tempo esta crença, apartastes-vos d'ella, recuando aos absurdos dos tempos obscuros.

Mas, minha senhora, tornou elle, eu queria que o catholicismo entrasse no caminho do progresso, e se collocasse a par do seculo actual que caminha e avança nas suas ideias e aspirações.

Progresso! que progresso, senhor? Eu não vejo progresso nenhum! respondeu a senhora. Ha perto de seis mil annos que os homens andam em dous pés; julgo que os impios e scepticos desejariam andar em quatro, para caminharem mais depressa; mas não o tem seguido. Veremos. No entretanto os meus cavallos andam em quatro pés, e parece

que estão mais adeantados. E' certo que os impios e incredulos não fazem alguma differença entre elles e os brutos que não tem entendimento, como diz o Espírito Santo. Diderot chegou a dizer que entre elle e o seu cão não havia outra differença senão a do vestido. Eu cá sigo uma doutrina mais luminosa e civilisadora.

O catholicismo é a luz, é a civilisação, é o progresso; fóra d'elle ha trevas, barbaria, degradação. Adeus, meus senhores.»

Esta anecdota serve para avaliar a loucura do chamado progresso, illimitado, indefinido, que o pedantismo moderno invoca contra a doutrina santa do catholicismo.

Em qualquer systema ou sciencia devem haver necessariamente principios fixos, verdades determinadas, axiomas immutaveis que sirvam de base aos estudos. Esses principios não se podem alterar; aliás teriamos confusão e desordem.

A verdade assentada é que o espirito deve caminhar no seu desenvolvimento, segundo as circumstancias e os tempos.

Ora nenhuma doutrina está mais n'estas condições do que o catholicismo. Elle é immutavel na sua essencia, porque é a verdade, e a verdade não muda, mas é um caminho seguro para progredir.

Sabeis, pois, o que querem dizer estas palavras loucas: O catholicismo é uma doutrina retrograda, está fóra do progresso, porque o espirito humano caminha sempre nas suas descobertas e innovações?

Eil-as aqui fielmente traduzidas: dous e dous não são quatro, como até hoje se tem ensinado. O todo não é maior que a sua parte. O homem deve andar em quatro, em lugar de andar em dous. O branco é preto, e o preto é branco. Não ha bem nem mal, vicio nem virtude, justiça ou moral, ou, o que hoje se chama assim pôde variar, pois é isto o progresso do espirito humano.

Em conclusão de tudo, um tal apregoador de progresso poderia dizer: Eu sou um grande tolo.

Não se pense que gratuitamente pomos todos estes absurdos na bocca d'um moderno *progressista*, inimigo do catholicismo. Aquí não ha exaggeração porque elles são uma rigorosa consequencia do seu systema de progresso indefinido e illimitado.

Em Proudhon e outros famosos revolucionarios modernos se encontram estes e outros absurdos semelhantes. Como elles proclamam tão alta e solemnemente o progresso em tudo, procuram destruir tudo o que é antigo no mundo, porque é retrogrado e anachronico na epocha actual. Ora nada mais antigo que o

christianismo na essencia, e que Deus que é eterno.

Assim Proudhon descobriu que não existia Deus, ou que se existia era o mal. Tambem descobriu que a melhor forma de governo era a anarchia, e que a propriedade era o roubo, e propalou outros identicos absurdos. Em 1851 escreveu que o christianismo não tinha mais vinte e cinco annos de vida, a não ser que a reacção conseguisse restaurar a sociedade de cima a baixo, no seu corpo, na sua alma, nas suas ideias, nos seus interesses e nas suas tendencias.

Que famoso *progressista* não era Proudhon?

O grande Thiers inventou a seguinte maxima: «O rei reina, mas não governa.»

Como se vê, o progresso moderno é a reunião de todos os absurdos e paradoxos.

Os modernos innovadores mostram querer seriamente e constantemente para o povo o augmento continuo das luzes, da civilisação e da riqueza; em uma palavra, elles querem o progresso em tudo, e sempre o progresso. A sua litteratura é o progresso; a sua philosophia é um progresso; a sua sciencia politica um progresso; cada uma das suas leis um progresso; e tomam até o bello nome de *progressistas*.

Mas note-se bem: elles querem o progresso, mas dispensando-se de Deus que procuram eliminar dos seus codigos, dos seus costumes, habitos, escholas, e do coração do povo.

Querem o progresso, mas sem a Igreja Catholica e contra a Igreja Catholica que elles accusam de inimiga do progresso, porque ella é sempre a mesma como Deus que a estabelece, e porque as verdades que ella repete á terra não podem ser modificadas, nem mudadas, nem diminuidas, nem augmentadas, nem reformadas pelos politicos e philosophos.

Eis o progresso que tanto se proclama; porquanto o verdadeiro progresso, material ou moral, não tem por inimigo o Catholicismo.

A Igreja nunca encadeou o genio e a sciencia, antes lhe deu um campo livre, guiando-lhe os passos para não cahir, e precavendo os seus desvios; e só ella é que dá o progresso moral.

Quantos não são insensatos os que proclamam o progresso contra Deus e a Igreja, e se servem d'esse termo para destruir as bases da sociedade! Com uma ideia tão vaga, não ha cousa, por mais extravagante e ruinosa, que não seja explicada, legitimada e até santificada.

(Continúa).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## QUESTÃO SOCIAL

É MUI complexa esta questão, como todos sabem: n'este artigo tornamos-a em sua phase *patrono-operaria*; quer dizer, que de novo nos occupamos do *Capital* e do *Trabalho*, e ainda n'estes dous argumentos nos restringimos á *Fabrica*.

Toda a vez que o homem quer tudo resolver *pelo homem* não resolve nada, e o mais a que chega é a architectar uma edificação espécada que o «Sopro» deita a terra; esta é a doutrina, esta é a practica. Ha quantos annos não anda na ordem do dia a questão *fabro-operaria* segundo os cuidados da *eschola social-economica humanitaria*? e a questão não só não tem sido resolvida mas antes aggravada.

Napoleão III, p. ex., no auge do seu poder foi poderoso auxiliar da mencionada *eschola*, e esta, segundo os esforços só *humanitarios* affastados de Deus, só continua n'um *Sedan lento* como o terceiro Napoleão o teve *rapido*! Ha só um Poder edificador e reconstructor e este Poder é o Poder Infinito, que tambem «Se» delega para verdadeiras edificações e reconstrucções; fóra de aqui é *fancaria* ou obra lustrosa hoje e que amanhã está descosida e pouco depois esfarrapada, quando ainda dura tanto.

Como já temos dito, *Michel Chevalier* «*puchá* na tal *eschola*» foi por mim visito ao entrarmos no *Hospital dos Peregrinos* em Roma; pois nem elle nem seus cõpensantes e cõoperantes nunca poderiam formar uma *barraca* que podesse ao menos supportar a vista de aquella magna fundação e magna porque fundada por *delegados* do Poder Infinito, como o é todo aquelle que funda e fabrica, opéra e obra segundo o Espírito de Deus e ao qual o mesmo Todo-Poderoso nunca falta com os meios! A questão *operario-artistica* ou *artistico-operaria*, em vez de ser irresolvel ou difficil de resolver, está resolvida *em si*, e tão inteira e practicamente a resolver quanto só depende de verdadeira boa vontade, como podemos citar os exemplos onde se vê provado o que dizemos. E se os exemplos podem ser citados é claro, que a questão estará practicamente resolvida no seu todo se em toda a parte for feito o que feito foi para os exemplos existentes.

Dissemos nós no segundo *Congresso Catholico* em Lisboa — que a questão de que nos vamos occupando existia pela amblição e inteperança do *Capital* ou capitalistas e pela suffreguidão e impaciencia do *Trabalho* ou trabalhadores; ajuntando-se-lhe o *desequilibrio* que se dá em tudo da *actual Sociedade*; e que o remedio salutar *unico* para tal questão como para todas as outras na *Sociedade*

era o reinado do Espirito Christão Catholico! O leitor deve bem comprehender o quanto hoje é mister accentuar a homenagem e affirmar as verdades Christãs Catholicas sem temer o arcar com todos esses sophismas, que fazem tanta bulha quanto têm de ócos. Desgraçadamente não falta o espirito declarado de erro, nem a lisonja a isso que se chama *idéas do tempo, exigencias da Epochu, Sciencia do Seculo, civilização sem Deos!* a todo esse *mestiforio* ha muitas almas que lhe estam *vendidas*, e muitas almas outras que lhe estam *hypothecadas*; fu-jamos de uma cousa e outra e estejamos entregues a Deos, que faz nossa alma sã, nossa intelligencia clara, nossos passos certos, nossos negocios productivos no tempo e degraus para a Eternidade; dá-nos Deos a Fé, dá-nos a Sciencia e a arte, dá-nos a paz na individualidade, na familia, na Sociedade.

Fallei-vos dos exemplos da parcial resolução practica da *questão*; citemos o bastante para ractificar o que dissemos, e para nos fazer apalpar como de aquelle *menor* se pode vir para *maior*. *M. Harmel* dono da notavel Fabrica em *Val-des-Bois*, no *département de la Marne* em França, poz a sua Fabrica em condições Catholicas de modo, que n'aquelle notavel estabelecimento é desconhecida, não existe, a *questão social do capital* com o *Trabalho* e *vice-versa*; a verdadeira paz reina ali, o patrão ou proprietario *M. M. Harmel* respeita seus operarios como seus filhos, e estes respeitam-no como seu pai.

Outros *industriales*, senhores de outros estabelecimentos fabris ou fabricas, nos departamentos do *Isère*, do *Orne*, do *Seine-Inférieure*, do *Maine-et-Loire*, em fim em muitos pontos de França, penetrados do exemplo de *M. Harmel* fizeram como este, e pozeram seus estabelecimentos como o de *Val-des-Bois*, obtendo os mesmos resultados, a beneficio dos *patrões* e dos *operarios*, como não podia deixar de ser pois que a Doutrina Catholica não se contradiz, não mente; assim a moralidade da *fabrica* e com ella o bem-estar de todos quanto possivel n'este Mundo n'aquellas condições, em que o dono ficou dono e os empregados ficaram empregados e todos contentes.

A *Questão* pois estará resolvida na practica como o está na theoria ou doutrina sempre que *Capital* e *Trabalho* estejam dominados pelo Sentir Catholico; o *Capital* não será cruel, o *Trabalho* não será infiel; as consciencias estarão em paz, a *fabrica* será *familia* e *familia Catholica* que é a familia *por excellencia!*

E' pelos esforços a que acabamos de alludir e por outros da mesma natureza que a França tem hoje por uns 300,000 operarios resgatados da Revolução e impiedade ou preservados do abysmo im-

pio-revolucionario em que estavam a cahir! A lucta travada pela Revolução (ha cem annos quasi completos) contra a Verdade tem tomado n'estes ultimos tempos proporções formidaveis que poderiam fazer receiar sua *victoria* se não fôra de Fé que a Verdade é invencivel! Aos governos cabe a maior responsabilidade por seu desleixo ou indifferença de tudo deixar dizer e escrever, e até quasi fazer quando mesmo elles proprios não têm feito o que é mal. De aqui a perversão das idéas geralmente espalhadas, e não menos nos *operarios* onde a Revolução poz o fito para de elles fazer, enganando-os e mentindo-lhes, o seu exercito, certa a Revolução dos milhões de braços.

(Continúa).

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

## UM COMO ARREMÉDO

do

### DIA A DIA

1.º

**O** HOMEM, desamparado da graça, é qual penedo que rola pelo pendor da montanha: se a mão do Senhor o não sustem, só para no fundo do abysmo.

2.º

Os Santos são como vasos de barro diante do divino artista, os quaes elle se compraz em encher de seus dons. Um dia quebrão. As essencias que encerravão, derramão-se então, deixando a atmospheria impregnada de aromas.

3.º

Jesus disse:—«Eu sou o caminho, a verdade e a vida.»—Quem, pois, d'ella se afasta, extravia-se para as sendas do erro, e tombando d'abysmo em abysmo, precipita-se nas voragens da morte.

Deus é o sol dos corações e dos espiritos: privados de seu calor benefico, enregelão aquelles; sem a sua luz brilhante e serena, anoitece n'estes.

Corações, que vagueaes sem tino no vacuo escuro das paixões mundanas, entrac de novo na orbita, que perdestes. Astro de suaves esplendores, rutila no firmamento da Igreja o Coração dulcissimo do Filho de Maria. É o vosso centro: gravitac, tendei para elle, satellites errantes!

4.º

Formosa estação a primavera! As aves cantão, as flores sorriem. Luz a torrentes, calor e vida, um ceu azul... doces enlevos no pipitar dos ninhos...

Ha tambem uma primavera das almas! Tu que gemes, avergado ao pezo das tribulações e cruces, não esmoreças. Tens ao lado um Cyreneu invisivel. Não cedas ao desalento na aridez do teu inverno. Breve passa o sibilar dos ventos, o bramir das vagas.

N'esse ceu opaco não tarda o sol a dissipar as nuvens, a derreter os gélos... Brotarão flores n'essa paisagem triste. Auras perfumadas soprarão do oriente. Ainda has de ter alento e forças, alegria e paz. Crê e espera.—As almas tambem tem a sua primavera!

5.º

Ha nos mysterios christãos abysmos de luz fulgentissima: fica cego quem pretender sondal-os. O facho de perto queima, ao longe alumia.

A Redempção operada pela morte ignominiosa do Homem-Deus, e a sua presença real no Sacramento augusto de nossos altares, são milagres estupendos d'amor, que esmagão a intelligencia humana. O incredulo, que só sabe prestar adorações a si proprio, encolhe os hombros e ri. Bem se vê que tem o coração myrrado. Cego! nem vislumbra sequer de quanto não será capaz um Deus *apaixonado!*...

6.º

A razão é luz, benefica, sim; mas que apenas bruxoleia: a fé sol esplendido. Nunca a luz foi contraria à luz. Conglobadas, formam um todo homogeneo.

Filhas do mesmo Pai, a razão e a fé dão-se mutuamente as mãos. Mas se a primeira se desprende, revoltando-se contra a segunda, ai d'ella! — haqueará das alturas, onde ambas se libram, em bárathro medonho!

Sciencia! minhas azas são tenras e frouxas: não podem elevar-me aos umbraes do teu templo. Mas o que sei, é — que os teus cultores mais respeitaveis hão curvado suas fronte venerandas ante os dogmas da Religião que professo.

7.º

Ha certos escriptores que parece terem os instinctos d'um animal conhecido. O seu gosto é foçar na terra e chafurdar na lama.

8.º

Afigura-se-me que li algures: «Se o *positivismo* vence, bem pode tocar a finados no campo da sciencia.» Mas não: tal victoria é impossivel. Não creou Deus o espirito humano, para consentir que morra assim de morte tão ingloria, nem creou a materia para lhe servir de mortalha. Essa risivel loucura, lá a espera o cadoz das loucuras passadas.

9.º

Quantos recebem de Deus o talento e

praticam a vileza de cuspir na face de quem Iho deu! Pobres loucos, que se reputam deuses!

Se eu posso soprar para longe um insecto, aonde não arrojará laes vermes o sopro do Creador do Universo?!

10.º

Melindres, vaidadesinhas, despeitos, estas pequeninas miserias a modo de mosquitos, filhos da mosca grande chamada *soberba* e do moscardo, que se denomina *orgulho*, são, em verdade, uma familia detestavel! Enxameiam, zumbem por toda a parte, e não ha inverno que os mate. Alimentam-se da podridão da chaga, que herdamos de nossos primeiros paes. E é tão funda, que nunca cicatriza de todo! Vinde, descei orvalhos da divina graça; lavae o pus d'este tumor, d'esta ulcera maligna. E' tão venenoso, que estonteia as cabeças dos homens! Sendo pygmeus, cuidam coitados!) que são gigantes e eil-os lá vão a escalar o Céu...

11.º

—A crise é solemne e triste!—diz o festejado escriptor Padre Senna Freitas em seu formoso livro—*Dia a dia*. E é: não ha duvida.

Respira-se um ar abafadiço, prenuncio de tempestade. Talvez não tarde... Se vier, seja bemvinda. Pode ser que purifique este ambiente saturado de miasmas. Por mais que se encapellem as ondas, não conseguirão submergir a barca, em que Jesus navega, ainda quando parece que dorme.

Antes o marulhar das vagas que a calmaria podre; antes o rugir do vento que a mudez do charco.

Sciencia, litteratura e politica baixaram das altas regiões, que lhes são proprias, para se espojarem na lama das ruas. A pseudo-philosophia, em seu louco orgulho, quer substituir a fé. Se o conseguisse, ficavamos às escuras. Mas não; é impossivel: não pode o pyrillampo substituir o sol.

Os que hoje atolam e tiritam de frio nos brejos do *positivismo*: os que revolvem a terra para desmentir Moysés; todos emfim os que suam e tresuam na faina ingrata de amontoar ruinas, andam, apezar seu, a carrear materiaes para o pedestal da verdade. De todo esse labutar ha de sair por fim uma prodigiosa mais esplendida da harmonia entre a sciencia e a fé. Acalmadas as nuvens de pó, levantadas por esse lidar insano, será mais vivo o fulgor da sciencia verdadeira, prestando homenagem aos ensinamentos da Igreja.

12.º

O ignorante humilde parece-se n'uma coisa com o sabio verdadeiro:—*só sabe que nada sabe*.

A' sciencia dos sabios, prefiro a sabedoria dos santos.

13.º

Não tendes acaso ouvido, em noite amena de estio, algumas notas dulcissimas, que vos traz a aragem, annunciando que longe, lá muito ao longe se está dando melodioso concerto?

As alegrias espirituaes são notas soltas do concerto longinquo. Desprendem-se das citharas dos anjos e vão repercutir-se nas almas, que o Senhor habita.

14.º

Deus sabé se serei humilde... Ao menos desejava sel-o. Se me fôra dado escrever um livro, que fosse o enlevo da minha juventude; em que se cifrassem todas as ambições da virilidade; unico despojo, que me ficasse d'um naufragio para conforto dos dias derradeiros: um poema, em cujas estrophes ardentes meu nome voasse á posteridade envolto em ondas de harmonia... e tu, Senhor, dices:—Rasga!—em trezentos mil fragmentos seria feito o meu poema.

Tenho tanto medo da vaidade!

15.º

Receio tomar conhecimento com os poetas da moda. Dizem que ha ali tão fetidas obscenidades, que mal se podem ler sem a mão no nariz. D'alguns até se conta que lhes endoidecera a musa. Pedem-lhe versos, e ella... dá-lhes dislates.

Poesia! virgem de belleza etherea, querem polluir teu rosto de fada, amarrar tuas vestes candidas.

Essa lyra, que o Senhor deu para cantares os seus louvores, abysmada em tantas maravilhas, vai escondel-a no mais espesso dos bosques, e volve ao ceu, d'onde vieste. Volta as costas aos vates dos alcouces, deixa as rãs a coaxar nos charcos.

16.º

—Não julques, para não ser julgado, diz o Evangelho. —*Amai-vos uns aos outros:—amai-vos, como eu vos amei!*

Admoestações paternaes de Jesus são estas, que tantas vezes se esquecem!

Odios, malquerenças, ultrages, despresos, chufas, murmurações, dieterios e calumnias foram sempre e são, por nosso mal, coisa vulgarissima. E comtudo... nada mais contrario á lei divina. A alma humana, ainda manchada do peccado, é sempre respeitavel. Creada por Deus, redimida pelo sangue do Cordeiro, é uma como scentelha do sol divino: é imagem, posto que pallida, dos esplendores da Belleza increada.

Que se diria de quem, vendo o retrato do Pae caído na lama, cuspiendo-lhe o arredasse com o pé?

—Que era abjecto e infame.

Não faria assim, por certo, o bom filho. Esse correria pressuroso a laval-o com as aguas mais limpidas; a beijal-o com summo respeito, e estreitando-o ao coração, guardal-o-ia em seu thesouro d'affectos.

Pois bem:—a alma de nosso irmão é imagem do Pae celeste. Se a vires caída no lodo do peccado, não a despreses, não! Repelle de ti o opprobrio de filho desnaturado e ingrato. Corre a banhal-a nos mananciaes da caridade; purifica-a com as effusões do amor. E assim, transbordará de jubilo o coração do Pae de familias.

P.º FRANCISCO DOS SANTOS E CUNHA.

## Secção Scientifica

o artigo 7.º diante da razão e do bom senso, ou as contradicções do sr. Julio Ferry.

### TERCEIRA CARTA

o artigo 7.º e os direitos do Estado

(Continuação de pg. 5)

PORVENTURA tendes d'aquí alcançado as consequencias? tendes visto por exemplo, o que deveria acontecer se um pae de familia, segundo o seu direito paternal, ordenasse a seu filho que começasse os seus estudos em França que os continuasse na Allemanha, depois na Inglaterra, depois na Russia depois, emfim, em Constantinopla?

Em virtude do direito de Estado proclamado por vós e que eu supponho por um momento admittido e praticado por toda a parte, o nosso estudante cosmopolita deverá pois receber em Berlim o ensino da heresia; na Russia ou na Inglaterra o ensino do schisma, e em Stambul o ensino do Islamismo, da mesma sorte que deverá receber em França o ensino official do livre pensamento. Por tanto segundo o systema espantosamente contradictorio inaugurado por vós mesmo, estes Estados com seus ensinos diferentes ou diametralmente oppostos, terão sempre razão: razão, ensinando que Jesus Christo é um Deus e razão, ensinando que Jesus Christo não é mais que um homem; razão ensinando que é preciso obedecer ao Papa e razão ensinando que é preciso romper com o Papa; razão ensinando que Mahomet é um propheta, um enviado de Deus, e razão ensinando que Mahomet não passa de um mystificador, de um explorador da credulidade dos homens.

Por ventura começará o Sr. Ministro

a descobrir até que ponto a logica inexoravel e a força invencivel das coisas devem levar este pretendido direito de ensinar, proclamado por elle como um direito radical, inalienavel, inherente á noção e á fundação do Estado? Eu poderia aqui mostrar, apartando vossos principios, como elles vão dar consigo em conclusões extremas que certamente se prestariam algum tanto ao riso. Attribuir ao Estado o direito essencial de afeição a alma e o coração das gerações que se levantam é evidentemente revindicar para elle a prepotencia sobre quanto ha de maior e de mais decisivo na vida humana, sobre o que mais interessa ás familias e aos individuos, aos paes, ás mães e aos fillos. Fallando a verdade, a não querer reclamar directamente a omnipotencia sobre a propria religião, o Estado não pode levar mais longe as suas pretensões.

Ora é este um principio consagrado pelo bom senso do genero humano:

*Quem pode o mais pode o menos.*

Por tanto se sobre uma cousa tão capital, tão profunda e ao mesmo tempo tão delicada que segundo a apreciação dos paes e das mães se avanta verdadeiramente a tudo mais, vos atreveis a revindicar como um direito a ingerencia do Estado, por que motivo a não haveis tambem de reclamar sobre as coisas que elles teem em muito menos conta e que tomam muito menos a peito? Todo o pae de familia que tem o sentimento do seu direito e da sua dignidade, presa infinitamente mais a liberdade de mandar formar por quem lhe apraz e como lhe apraz a alma e o coração de seu filho, que a liberdade de determinar a forma de seus vestidos e a qualidade de seus alimentos. Se pois, como ministro e homem de Estado vos arrojaes o direito de lhe designar o instituidor de seu filho, quem vos impede de vos apoderardes igualmente do direito de lhe impor o cultivador do seu campo, o seu alfaiate, o seu cusinheiro? Quem pode chegar ao mais alto pode chegar ao mais baixo e se tendes como attributo vosso o direito de intervenção directa nas cousas da alma taes como o ensino e a educação por que não terieis vós com muita mais razão o direito de intervir nas cousas do corpo taes como a habitação, o vestido e o alimento? E na verdade, se alguém tivesse a fantasia assás logica, sem duvida, de levar até á pratica as ultimas ilações do vosso principio, bem poderia acontecer (e não temos a certeza do contrario) que n'um certo dia um ministro tão cioso como o snr. Julio Ferry das prerogativas e dos direitos do Estado, mas mais consequente em sua applicação, viesse reclamar ao centro da familia o direito de regular até o vestido e a panella do caldo:

pretensão ridicula, sem duvida todavia menos repugnante para os paes e para as mães que a de estender sobre a alma e sobre o coração de seus fillos a fria mão do Estado.

Mas eu apresso-me a deixar este lado da questão para me voltar para aquelle que deveis considerar, que é impossivel não considerardes mui serio e mui grave: eu quero fallar da *contradicção*, da *contradicção* flagrante na qual vos encerra o vosso projecto. E eu insisto sobre este ponto por que nada me parece mais digno de ser denunciado ao tribunal do bom senso que o desmentido que um homem de Estado dá por suas praticas aos seus proprios principios.

Até aqui, discutindo o direito de ensinar que revindicaes para o Estado, pareciamos suppor que o Estado tinha um ensino, por consequencia uma doutrina reputada doutrina do Estado. Effectivamente todo aquelle que reclama o direito e annuncia a intenção de ensinar deve ter, pelo menos, um ensino que seja o seu, uma doutrina que seja a sua doutrina: é preciso que um ensino *ensine alguma cousa*. Vós apresentaes-vos diante de mim e dizeis-me: Eu tenho o direito de ensinar, abro uma escola, subo á cadeira; mandae-me vossos fillos: a mim é que pertence por direito moderno ensinar os fillos da patria.

—Desde então, tenho direito de perguntar-vos: Mas o que é que vós ensinaes? qual é a vossa doutrina? . . . Parece-vos isto contestavel?—De maneira nenhuma. Mas que tem isto com a questão? que prova isto? e d'esta verdade banal que pretendeis concluir?

—Snr. Ministro, eu concluo immediatamente em boa e solida logica que, como Estado não tendes, não podeis ter o direito de ensinar e que da vossa parte a revindicação d'este direito não é somente injusta, mas inconsequente e absolutamente contradictoria. —Por que? perguntareis vós —Por que, de facto, não só não tendes doutrina que seja vossa, mas ainda por que fazeis professão de a não ter. Pois não é verdade o proclamardes bem alto esta formula tão exaltada por nossos modernos politicos: o Estado como Estado não tem religião; o Estado como Estado não tem symbolo; e para repetir a palavra que se tornou celebre: *o Estado é atheu?* Se renegaes esta formula como contraria á vossa convicção pessoal, sois pelo menos forçado, como ministro a admittir esta: Em materia de doutrina o Estado é indifferente; em cousas de dogma e de crença, de materialismo e de espiritalismo, o Estado não nega nem afirma: é neutro.

Podereis dizer mais claramente: como Estado não temos doutrina? Então como é que não tendo, como Estado, nem doutrina, nem crença, nem symbolo, osten-

taes, como Estado, a pretensão de ensinar?

(Continua).

PADRE FELIX.

## Secção Historica

### FUNESTISSIMO FIM

dos

PERSEGUIDORES E INIMIGOS DA IGREJA

Desde Herodes até nossos dias

#### CAPITULO PRIMEIRO

##### Seculo 1.º

#### III. — Caiphaz, Summo Pontifice

(Morreu no anno 35.º da Era christã)

**A** DOCTRINA de Jesus Christo e seus milagres converteram tantos judeus, què, assustados os Principes dos Sacerdotes e phariseus, se reuniram em concilio para acordarem sobre o modo de combater o Salvador do mundo, e assim consta na Sagrada Escriptura, onde se declara tambem a parte que tomou Caiphaz, Summo Pontifice d'aquelle anno, na resolução adoptada por aquelles de fazer morrer Jesus.

S. João, no cap. xi, diz:

*E os Principes dos Sacerdotes e Phariseus se ajuntaram em concilio, e diziam:—Que fazemos nós, que este homem faz muitos milagres?*

*Se o deixamos assim livre, crerão todos n'Elle: e virão os romanos e tirar-nos-hão o nosso lugar e a nossa gente.*

*Mas um d'elles por nome Caiphaz, que era o Pontifice d'aquelle anno, disse-lhes: Vós não sabeis nada.*

*Nem consideraes, que vos convém que morra um homem pelo povo e que não pereça toda a nação. . .*

*Desde aquelle dia pois cuidavam elles em vêr como lhe dariam a morte. (1)*

A Paixão de Jesus Christo começou por conselho de Caiphaz, que representou depois n'ella um papel principal, segundo se lê na seguinte passagem do Evangelho de S. Math., cap. xxvi:

*Mas os que tinham prezo a Jesus, o levaram a casa de Caiphaz, principe dos Sacerdotes, onde se haviam congregado os Escribas e os Ancãos.*

*Entretanto os Principes dos Sacerdotes e todo o conselho andavam buscando quem jurasse algum falso testemunho contra Jesus, a fim de o entregarem á morte.*

*Mas não o acharam, sendo assim que foram muitos os que se apresentaram para jurar falso. Mas por ultimo chegaram duas testemunhas falsas.*

(1) Vers. 47 a 50 e 53.



*E depozeram: Este disse: Posso destruir o templo de Deus, e reedificá-lo em tres dias.*

*Então levantando-se o Príncipe dos Sacerdotes, lhe disse: Não respondes nada ao que estes depõem contra Ti?*

*Porem Jesus estava calado. E o Príncipe dos Sacerdotes lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo, que nos digas, se tu és Christo, filho de Deus.*

*Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste: mas eu vos declaro, que vereis d'aquí a pouco ao Filho do homem assentado á direita do poder de Deus, e vir sobre as nuvens do céu.*

*Então o Príncipe dos Sacerdotes rasgou as suas vestiduras, dizendo:*

*Blasphemou: que necessidade temos já de testemunhas? Eis ahí acabais de ouvir agora uma blasphemia.*

*Que vos parece? Elles respondendo disseram:—É réo de morte.*

*Então uns lhe cuspiram no rosto e o feriram a punhadas, e outros lhe deram bofetulas no rosto. (1)*

D'este modo Caiphaz, Summo Pontífice, e que como tal devia ser o primeiro a reconhecer em Jesus Christo o Messias prometido na Lei e anunciado pelos prophetas, foi o primeiro que contribuiu para a sua Paixão, para a sua condemnação e para o seu supplicio.

Alguns annos depois, Caiphaz foi destituído por Tiberio do pontificado que havia exercido durante dezeseite annos; motivando-lhe sua destituição tantas dores e desgostos, que se suicidou segundo se refere nas Constituições de S. Clemente. (2)

(Continúa).

## Secção Critica

### AS MISSÕES

#### A PROPOSITO DA QUESTÃO BRAZZA

A QUESTÃO Brazza é um significado a mais da nossa incuria colonial. Estamos como antigos fidalgos, mui anchos da sua prosapia, mas arruinados de fortuna, gafados de dividas, e decaídos em brios.

Como elles mendigamos respeito e satisfações em notas diplomaticas em vez de nos esforçarmos por merecer em linha de conducta activa intelligente e forte a consideração dos povos civilizados, e de provarmos que é bem empregada a existencia que nos deixam lograr.

Era bastante com effeito que zelássemos a honra nacional, e o lustre da moderna geração, no desempenho de nossa

missão colonial, conservando e desenvolvendo esses restos do nosso imperio por uma administração sabia, e uma conducta sensata e cheia de luz.

Temol-o feito? Esses povos abarcados pelas quinas em impetos generosos terão elles motivos de estar contentes por uma tutella aliás tão bem iniciada? Terão sido cumpridos os empenhos, implicitamente contrahidos para com elles, e tacitamente sancionados perante as nações da Europa? Habilitar-nos-ha o direito de conquista a conservar perpetuamente na infancia, melhor, na barberie, povos a quem promettemos instrução e ventura?

Nenhum direito internacional determina, é verdade, até quando uma nação pode protrahir o cumprimento de seus empenhos, mas reconhece-se sem esforço que o indeterminado não é o indefinido que o direito questionavel da conquista não pode escorar a perpetuidade do disfrute ou de um dominio incondicional.

Supponhamos por um momento que a Hespanha e Portugal eram ainda hoje metropoles da Asia, America, Africa, e Oceania—como já em tempo o foram—; que os recursos d'estas duas potencias eram proporcionaes aos recursos, de que actualmente dispõem; que a boa vontade de bem administrar era ainda a mesma: pergunto sinceramente, as outras nações deveriam respeitar esta propriedade fundada tão só na conquista, e conservada n'uma esterilidade pasmosa, comprometendo os interesses da humanidade inteira?

Pois se estes são em politica o titulo coonestante dos direitos de conquista onde apoiá-os se aquelles vêm a faltar?

Se qualquer d'aquellas potencias dizia ao tomar posse d'uma colonia: *Aqui estou para vossa felicidade, sois ricos, mas desconheceis as vossas riquezas; intelligentes, mas não sabeis tirar todo o partido d'ellas; sois muitos, mas não conheceis a ordem e a união que faz a força dos povos; sois entes moraes, mas não sabeis que cousa seja a liberdade, como se alcança e mantem; sois passageiros, e ignoraes o vosso destino. Pois bem! comigo estão as letras, as artes, a industria, o commercio; comigo as ideas d'um regimen politico de liberdade e ordem; comigo ainda as esperanças alem do tumulto. E' portanto não em nome do que mais pode, mas do que mais sabe, que tomamos conta de vós: Se o discurso é este em substancia, se a base do direito colonial se pode enunciar assim, não é bem claro que semelhantemente pode discorrer uma outra potencia superveniente, quando a primeira descure tão lisonjeiros avanços?*

O contracto assim formulado é de sua natureza rescindivel, se as condições

subintendidas não passam á execução por parte da potencia conquistadora.

Nem pode o chamado direito de prioridade, desajudado de outros direitos, manter inconcussa e inquestionavel a posse, porque de outra sorte nenhuma salvaguarda restaria á colonia, e uma vez que se houvesse posto na dependencia nunca mais poderia dispor de si: seria n'uma palavra constituil-a cousa d'um outro povo, e sujeital-a a perpetua escravidão.

Diz-se porem que a questão Brazza movida por parte do governo portuguez tende a affirmar os nossos direitos a uma porção do territorio, cedido pelo rei Baccoco ao governo francez, direitos outrora reconhecidos por outro governo da mesma nação; mas o nosso intento não é legitimar a usurpação verdadeira ou pretendida, é sim mostrar quanto é friavel o nosso dominio colonial, quando não seja apoiado na força ou na consideração. Falta-nos uma, e não temos merecido a outra; eis porque surge esta questão, em que inevitavelmente teremos de ficar mal, e surgirão outras de identicos resultados.

As razões que deixamos expostas poderiam ter largo desenvolvimento, mas não entra no nosso plano o dar-lh'o, ainda que desejavamos ardentemente ver tratada esta questão com proficiencia e amplitude pela diplomacia europeia. Haveria tudo a ganhar, se esta e outras questões impendentes fossem derimidas por um direito publico internacional; escusava por certo a diplomacia de enredar-se, de marchar sempre á toa, sinuosa e accomodaticamente. Como quer que seja estava na nossa mão o prevenir taes questões ou o afogal-as á nasçença.

Quem nos viria inquietar, se os nossos direitos, em vez de garantidos por chancellas, o estivessem por uma posse continua e efficaz? Se no territorio em litigio demorassem signaes manifestos do nosso dominio, como um forte, uma missão, auctoridades administrativas e militares, quem não vê que tirariamos o desejo a qualquer aventureiro de se tornar ruidoso, e a qualquer governo em descredito o de acreditar-se na historia?

(Continúa).

PADRE VAZ.

## Secção Litteraria

### Jesus dormindo nos braços de S. José

RETIRAMOS a parte litteraria que reservado tínhamos para este n.º com o fim unico de dar aos nossos leitores a formosa poesia que, com o titulo que encima estas linhas, fôra pu-

(1) Vers. 57 e 59 e 67.

(2) S. Clemente. in Const., liv. VIII, cap. 1.

blicada no *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*.

É o presente de Natal que damos aos nossos leitores; e rico presente é elle, porque raro se encontra tanto mimo, tanto fervor religioso de envolta com a mais bem limada poesia.

Para mais nós lhe queremos, é fructo de uma intelligencia privilegiada, nascida e criada em Guimarães, mas que, por se esconder debaixo do habito de Santo Ignacio de Loyola, e não possuir, por isso, palacios nem lautas mesas em que offereça jantares aos aduladores, ninguem lhe chamou ainda *patriota distincto, cidadão prestavel* e outros nomes com que se costuma armar ao effeito, ou pagar favores nas columnas dos jornaes.

### Jesus dormindo nos braços de S. José

Poesia na inauguração de uma imagem votiva em um collegio de Lisboa

Jesus dorme!... Jesus!... gentil surpresa!...  
Mórvido berço achou do Pae nos braços.  
José, para o contemplar, suspende os passos,  
E suspensa o contempla a natureza!...

Sim; Jesus dorme e... de José ao peito.  
De sancta inveja a natureza é cheia.  
No Céu, na terra todo o ser aneia  
Por converter-se de Jesus em leito.

As arvores debruçam-lhe os seus ramos,  
As veigas matizadas suas flôres,  
Té as silvas despindo seus rigores  
Com viva ondulação fazem reclamos.

A fera mesma anda a gyrar submissa,  
O leão nobre lhe apresenta a juba;  
Quer o cordeiro que Jesus lhe suba  
A descançar na candida pellicia.

Umás flores, ciosas, em fragrancias  
Seus quixumes exhalam; seus aromas  
Desp. dem outras, agitando as comas  
E ás auras segredando ardidias ancias.

—Jesus, o jasmineiro  
Offrece-te a camilha;  
Teria por travesseiro  
Raminhos de banilha.

—Jesus, vem reclinar-te  
Entre innocentes cravos;  
Dos que hão de atravessar-te  
Não temas os aggravos.—

—Das flôres entre as turnas  
Victorias en agoiro;  
Sem sobre-oéo não durmas,  
Doce te brinda o loiro.—

—Quem ama, quer o leito  
Formar de minhas flôres—  
Dizia o amor-perfeito  
Sorrindo em varias côres.

—Se amor solta o problema,  
Seremos as ditosas;  
De amor somos emblema—  
Acodem logo as rosas.

—Jesus, cá tens jazida  
E acabem nossas penas;  
Ten Pae vára florida  
Tomou das assucenas.—

—Jesus, das violetas  
Ordenn, por quem és,  
Alfombra aonde mettas  
Os teus mimosos pés.—

\* \* \*

Oh! deixa, natureza, a vã porfia,  
Melhor leito brindar-lhe não presumas,  
D'um seraphim nas aniróseas plumas.  
E em quanto a terra de mais bello cria...  
Só a dextra do Pae nas regiões summas  
Na terra só os braços de Maria.

\* \* \*

Dorme, Jesus!... teus olhos são-me estrellas,  
São n'este exilio a minha amada luz.  
Mas, como durmas, renuncio a vel-as...  
Dorme, Jesus!...

Dorme, Jesus!... sem prevenir medonhos,  
Acorbans transes do Pretorio á Cruz.  
Voem-to em roda jubilosos sonhos;  
Dorme, Jesus!...

Dorme, Jesus!... não pé de ti eu vélo,  
Qual borboleta que não deixa a luz.  
Meu peito bate em ancioso anhelo...  
Dorme, Jesus!...

Dorme, Jesus!... mas... dormes tão sereno  
Na perspectiva de tormentos crús!...  
E eu do futuro me atormento e peno!...  
Dorme, Jesus!...

Dorme, Jesus!... se da ambição na lida,  
Panhall de Herodes em Salém reluz,  
Casto José salva o auctor da vida...  
Dorme, Jesus!...

Dorme, Jesus!... em teu dormir soletro  
O quo a razão a par da Fé deduz:  
—Déste a José do Patrocinio o sceptro!—  
Dorme, Jesus!...

\* \* \*

Vou a José; o seu brilho  
Só Jesus faz eclipsar.  
Vou ao Pae depois do Filho,  
Depois de Deus, ao altar.

Da casa dêmos-lhe a chave  
E a chave do coração,  
E peçamos-lhes que grave  
N'uma e no outro o seu brazão.

Sua vara de assucena  
Que condão divino tom!...  
A Virginea Nazarena  
E o Infante de Belem

Encantou-os com a vara,  
Vara sancta que seduz,  
Ainda hoje onde ella pára,  
Pára Maria... e Jesus!

Pára o Céu, páram os sanctos,  
Pára o Anjo e o Cherubim.  
Se a alçamos, que de encantos  
Vão florir n'este jardim!

De virtudes virão flores  
Enlaçadas a seu pé,  
Pagar em cheiro os favores  
Da alta vara de Jessé.

Se dá encosto ás florinhas,  
A's más hervas dá quebranto,  
Só com vel-a aves dauninhas  
Fogem timidas de espanto.

Impio norte aqui soprara (!)  
Da virtude entre desmaios!...  
Mas, José, foi tua vara  
Que serviu de pára-raios.

Seja esta imagem votiva  
Do passado gratidão,  
Do futuro defensiva  
E penhor de protecção.

C. S.

## Secção Artistica

### A architectura ogival e o ideal christão

(Continuação)

A ARCHITECTURA gothica, que durante tres seculos offerreceu largo e vastissimo campo á inspiração de artistas eminentes, foi desthronada pela architectura classica ou da Renascença, não é tão pomposo e que tão mal cabe a uma escola servil e sem ideal, que, com o compasso de Vitrubio, nada mais tem feito que imitar os monumentos da antiga Grecia.

«Como uma grande arvore, alliva de seus ramos e de suas folhas, diz Bourassé, a arte catholica, sob os auspicios da religião, tinha-se fortemente enraizado na terra que a viu nascer. Foi porém abandonada, preferindo-se-lhe uma planta exotica, estranha ao solo e ao clima, que não podia produzir senão flores sem perfume e fructos sem sabor.»

Não me lancem o labéo de somenos admirador das bellas fórmas, regularidade e symetria da architectura classica. Os gregos, com suas maravilhosas proporções e principalmente porque souberam traduzir em surprehendedentes moldes as idéas e sentimentos de então, conseguiram a perfeição esthetica.

Mas quem ignora que as artes são ou devem ser o transumpto da sociedade e que esta, com o volver dos seculos, se transforma e rejuvenesce, purificando-se no cadinho da civilisação?

E sendo assim, quem desconhece o profundo abysmo que separa o mundo christão do mundo pagão, e, como corollario inevitavel, que o ideal architectonico de povos inergulhados no mais crasso sensualismo jámais pôde ser o ideal das modernas sociedades, acalentadas aos raios beneficos da Redempção?

Allivos da sua personalidade, os helenos reduziram Deus e a natureza a verdadeiras proporções humanas.

A divinisação do homem pela arte, a apothose do seu genio e da sua belle-

(1) Allu-ão a circumstancias particulares.



za, eis o ideal da Grecia tão admiravelmente interpretado pela sua architectura religiosa, que, tão cheia de graça e harmonia, parece mais o Empyrio transportado para a terra do que o lugar em que o homem se eleva em espirito até à divindade.

O bello, a que devem mirar todas as composições artisticas, não consiste só na perfeição plastica.

A idéa tomando corpo, n'uma perfeita alliança do real com o ideal, eis a suprema aspiração da arte, ou como diz Vacherot: «Ao passo que uma sciencia explica a realidade pelas idéas, a arte exprime as idéas pela realidade.

«A harmonia d'estes dous termos — ideal e real — é a lei das obras estheticas.

«Toda a obra d'arte que não exprime uma idéa, não significa nada, diz Cousin; é necessario que, dirigindo-se a tal ou tal sentido, penetre até ao espirito, até ao coração e n'elles desperte um pensamento, um sentimento capaz de nos mover e elevar.»

Edifiquemos pelo pensamento, com os restos valiosos que ainda hoje existem, o Parthenon, templo consagrado á deusa protectora dos athenienses: — e quem não vê n'elle o supremo esforço do genio do homem, o bello em toda a sua plenitude como então podia ser comprehendido, permittindo-nos como que delectar nas linhas, contornos e relevos do edificio a philosophia e a religião do povo mais civilisado do mundo antigo?

Vejamos agora o que diz Cousin com referencia a essa miniatura do primeiro templo da Grecia, conhecida pelo nome de igreja da Magdalena.

«Em vão a bella peccadora quiz renunciar aos prazeres do mundo e seguir a pobreza de Jesus.

«Obrigaram-na ao fausto e á molleza que tinha repudiado; collocaram-na em um rico palacio, scintillante d'ouro, que poderia muito bem ser um templo de Venus.»

E' do mesmo pensar o festejadissimo auctor do—No Presbyterio e no templo.

«Muitos extasiavam-se deante do esplendido templo da Magdalena de Paris.

Tambem eu o vi e o visitei muitas vezes e o admirei, como um monumento da arte profana, mas não como um recinto sacro, que soubesse ensinar em minh'alma o pio sentimento da Divindade. Aquella columnata... não me falla do bom Jesus da Magdalena, nem mesmo da Magdalena de Jesus.»

Escusado é dizer que eu, tendo-o tambem visitado, nada encontrei que me avivasse um pensamento christão ou relembrasse os mysterios augustos da religião do Crucificado; — bem ao contrario do templo ogival em que cada pedra nos recorda as sublimes verdades da nossa creença.

Vejamos ainda como o snr. Fuschini aprecia o estylo manuelino dos Jeronymos.

«A sublime expressão esthetica do estylo ogival não tem já em Belem a elevação ideal que attinge na Batalha; por toda a parte o classico da renascença tende a irromper nas grandes linhas geraes, como nos pormenores da ornamentação.

Apesar da sua belleza, o estylo de Belem é um estylo de decadencia, «a agonia da arte, o estrebuxar descomposto da architectura christã que morria» na phrase energica e verdadeira d'aquelle homem que, onde tocava com o seu poderoso dedo, deixava o signal indelevel do seu genio, de Alexandre Herculano.

A simplicidade severa das linhas geraes, o idealismo que se traduz nos altos corucheus, nas agulhas e nos pinnaculos que elevam para o ceu as suas pontas agudas e elegantes, a sobriedade modesta, não pobre, da ornamentação, todos os caracteres, enfim, que fazem do estylo ogival da melhor época uma das mais formosas concepções estheticas da intelligencia humana transformam-se ou empallidecem em Belem; para os encontrar na sua forma mais pura e espiritualista é preciso ir mais longe e estadal-os no mosteiro da Batalha.

Alli se encontra traduzida uma das mais bellas expressões da arte; pequeno templo comparado com as grandes cathedraes gothicas do Norte da Europa, mas superior a ellas todas, sem duvida, pela pureza do seu estylo e pela unidade admiravel da sua concepção rapidamente realisada. Alli se revelam as creenças mysticas e profundas d'essa idade media tão calumniada out'ora....

Alli se demonstra a prodigiosa força da idéa de Deus, que atravez de milhares d'annos tem conduzido do berço ao tumulo myriades de gerações adormecidas á doce esperança de uma justiça superior e recta, d'essa idéa que tem sido para a arte um manancial riquissimo de concepções sublimes e de creações immortaes.»

(Continúa).

P.º F. SANCHES.

## Secção Illustrada

D. FR. CAETANO BRANDÃO

(Continuação)

II

D. FR. Caetano Brandão, obedecendo não sem reluctancia ao chamamento de sua solerana, partiu para

o reino e chegou a Lisboa em 18 d'Outubro do mesmo anno.—Logo que conheceu, que todos os seus motivos de escusa não eram attendidos, tractou de activar o processo da sua confirmação; e, enquanto este não era ultimado, occupou-se em determinar certas medidas muito convenientes para o bem espirital da sua antiga e da nova diocese.

Levado de summa caridade fez uma jornada ao Alemtejo, não só para consolar muitas pessoas que anhelavam pela sua visita, mas tambem para despertar muitas das almas que estavam confiadas á sua direcção espirital.

Tendo chegado no principio de Junho de 1790 as bullas da confirmação e junctamente o pallio regressou a Lisboa, e alli recebeu este no dia 17 das mãos do Bispo Confessor de Sua Magestade — D. José Maria de Mello—no seu oratorio no Palacio da Ajuda;—e no dia 28 do referido mez tomou em Braga posse do Arcebisado em seu nome por procuração o Provisor Pedro Paulo de Barros Pereira.

Em 17 de Setembro do anno seguinte fez D. Fr. Caetano Brandão a sua entrada solemne em Braga, onde foi recebido com as mais extraordinarias demonstrações de respeito e regosijo (1).

Durante pouco mais de 15 annos governou esta vasta Archidiocese de Braga, e com tanto zelo e sabedoria, que ainda hoje são bem patentes os beneficos resultados do seu governo.

Achando o seu Paço adornado excessivamente de damascos ordenou logo que fossem repartidos pelas egrejas pobres; e depois de ter reformado a sua casa tractou logo de reformar o seminario de S. Pedro, ampliando muito os seus estudos;—promoveu a educação e illustração do clero, em especial o parochial;—reformou os mosteiros de religiosas;—fundou muitas egrejas (2);—fundou n'esta cidade de Braga um seminario para orphãos e expostos, que ainda hoje existe com o nome, que lhe deu, de Seminario ou Collegio de S. Caetano, e um outro denominado Conservatorio do Menino de Deus para os orphãos da Tamanca, que tambem existe;—promoveu os melhoramentos da lavoura, commercio e artes mechanicas, merecendo especial menção a exposição agricola que realisou,—a primeira que teve logar não só no nosso

(1) Acompanhado de muito clero, nobresa e povo, que havia ido esperal-o ao caminho, ao entrar na cidade, dirigiu-se á capella de—S. Miguel-o-Anjo; paramentou-se e seguiu para a Sé Primaz processionalmente.

A capella de—S. Miguel-o-Anjo,—situa proximo do—Jardim das Carvalheiras,—está hoje profanada, e em breve vae ser apropriada pela Ex.ª Camara Municipal d'esta cidade.

(2) A de—S. José de S. Lazaro—d'esta cidade, que está hoje sendo melhorada, foi fundação sua.

paiz, mas ainda no estrangeiro:—publicou muitas pastoraes;—fez publicar a—*Vida e Obras de S. Martinho de Dume*, Arcebispo de Braga, e a—*Vida e Regras Religiosas de S. Fructuoso Bracarense*;—mandou traduzir e imprimir um pequeno—*Tratado sobre a perfeição na resa do Officio Divino, e Celebração do santo sacrificio do Altar*;—procurou reformar o *Breviario e Missal Bracarense*;—trabalhou na fundação e restabelecimento da casa da *Congregação do Oratorio*;—fez treze visitas (!!!), durante as quaes percorreu todas as freguezias do Arcebispado, de modo que foi, onde desde o grande D. Fr. Bartholomeu dos Martyres nenhum outro Prelado voltára.

Depois d'uma vida cheia de trabalhos e virtudes desprendeuse dos laços terrenos para ir no ceo receber a recompensa devida aos justos em 15 de Dezembro de 1805.

As honras funebres, que então tiveram logar, são um evidente testemunho do grande amor que todos os seus filhos lhe consagravam. O Cabido mandou celebrar sollemnes exequias, muito superiores em magnificencia e magestade ás dos seus dois illustres antecessores—D. José de Bragança e D. Gaspar de Bragança,—não obstante ser aquelle filho d'El-Rei D. Pedro II, e este d'El-Rei D. João V.

Foi sepultado na capella mór da Sé Cathedral, logar destinado para a sepultura dos Prelados, e alli começou o povo a alluir, rogando a sua intercessão para com Deus, de modo que foi necessario empregar algumas medidas para obstar a semelhante culto ainda não approvedo pela Igreja.

Por occasião das obras mandadas fazer na Sé Cathedral pelo actual venerando Prelado o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa foram os ossos de D. Fr. Caetano Brandão trasladados para uma urna funeraria, a qual foi collocada juncto do tumulo do seu antecessor—o Arcebispo D. Diogo de Sousa, sito na capella (lado da epistola) que este mesmo Arcebispo mandou construir nos claustros da Sé, como consta d'uma inscripção collocada na parede da capella do lado do mesmo claustro (1), até que sejam collocados em logar con-digno na capella do novo edificio destinado para o Collegio de S. Caetano, que vae ser erigido no campo das Carvalheiras em frente da nova rua d'esta cidade

(1)

ESTA CAPELLA MANDÓ FAZER  
O ARCEBISPO DO DI DE SOUSA PERA  
SUA SEPULTURA E DE SEUS IRMÃOS  
AS PESSOAS CAPITULARES DESTA E  
GREJA QUE SE NELA QVISERE LAN-  
ÇAR. FOI FEITA NA ERA DE—1513—

denominada de D. Fr. Caetano Brandão. (1)

## III

A' similhaça do seu illustre antecessor D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e outros Prelados, D. Fr. Caetano Brandão, comquanto adornado em elevado grau de todas as virtudes christãs, que constituem o seu principal brazão, (2) não deixou contudo de zelar, como lhe compelia, os direitos e prerogativas da Mitra Bracarense; e, se não poude legar incolumnes uns e outros a seu successor não foi por culpa sua;—as circunstancias da epocha assim o forçaram.

Ao sair de Lisboa em 16 d'Agosto de 1790 para tomar posse do Arcebispado fez-se preceder da cruz Primacial ainda nos limites do Patriarchado. O Patriarcha queixou-se a D. Maria I e foi enviado a D. Fr. Caetano Brandão um Aviso da Secretaria d'Estado para que allegasse os fundamentos do seu direito. Ignora-se se respondeu; porem é certo que a questão não teve andamento.

Foi no seu tempo que a Mitra de Braga perdeu uma das suas principaes prerogativas, cuja antiguidade em parte era anterior á fundação da monarchia. Antes de D. Fr. Caetano Brandão sair para Braga foi em 19 de Julho passada a carta de lei pela qual foi extincta a Relação existente n'esta cidade, onde se decidiam as causas não só ecclesiasticas mas tambem civis.

D'esde então até hoje a Mitra de Braga em virtude das nossas vicissitudes politicas perdeu todas ou quasi todas as suas prerogativas. Recentemente pela nova divisão e circumscripção diocesana do reino effectuada pela sentença do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto de 4 de Setembro do presente anno de 1882, como executor das Lettras Apostolicas do santo Padre Leão XIII, as quaes começam—*Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus*—e da Carta Regia de 14 do mesmo mez e anno, ficou apenas tendo 987 freguezias (3), e tão profundo foi o golpe

(1) Para tornar a capella mór mais apta para as funcões do culto foi necessario rebaixar o seu pavimento, e por tal motivo foi feita a referida trasladação.

A capella mór foi já inaugurada no Domingo de Ramos — (2 d'Abril do presente anno), assistindo á cerimonia religiosa propria de tal dia o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.

(2) O brazão, de que usava, era formado d'um escudo esquartelado, tendo n'um dos quadros superiores tres flores de liz, n'outro as cinco chagas; e nos dois inferiores as imagens de S. Martinho e S. Geraldo, Arcebispos de Braga, vestidos pontificalmente em acção de abençoar.

(3) No tempo do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus ou de Castro, segundo um manuscrito existente no Archivo da Mitra de

que causou tal perda ao seu actual venerando Prelado, que pediu licença ao Governo de sua Magestade para renunciar a Mitra, o que lhe foi concedido por Decreto de 30 de Novembro, publicado no Diario do Governo de 6 do corrente.

D. Fr. Caetano Brandão viveu n'uma epocha em que o choque causado na França pela celebre Revolução de 1793 se communicou até aos mais remotos confins da Europa e do mundo. Para neutralisar seus terriveis effeitos era por sem duvida necessario, que apparecessem homens insignes pela sua sciencia e virtude; e D. Fr. Caetano Brandão foi um d'esses homens providenciaes, que se se distinguuiu muito pela sua illustração, muito mais se distinguuiu ainda pela sua virtude, embora fosse por vezes abocanhada!!! (1)

E na epocha em que vivemos, não inferior á de 1793, não serão necessarios homens como D. Fr. Caetano Brandão?

Os leitores que respondam.

Braga—Dezembro de 1882.

P.<sup>o</sup> ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

EGREJA DE S. FRANCISCO  
EM MILWANKEE

CONTRASTA admiravelmente!  
Quando as turbas mal encaminhadas carregam barris de petroleo para as portas dos templos catholicos, com o fim de os fazer ir pelos ares; quando os governos decretam a extincção das ordens religiosas e das Collegiadas, para verem cahir em ruinas templos magnificos, casas esplendidas;—quando tudo isto se observa na Europa onde fôra em tempos não remotos o centro do catholicismo, vemos na America, n'esse paiz conquistado ha poucos seculos para a civilisação christã, prospera-

Braga, que tivemos occasião de ler, existiam no Arcebispado 1:600 freguezias.

O P.<sup>o</sup> Antonio Carvalho da Costa na sua—*Corographia Portuguesa* (o 1.<sup>o</sup> volume appareceu no anno de 1706 no tempo de D. Pedro II) diz (no Volume 1, Tratado II, Capitulo I), que no *Senual*, que está no Archivo da Sé, consta que no Arcebispado ha 1:885 freguezias.

Antes da recente divisão e circumscripção diocesana o numero de freguezias do Arcebispado elevava-se a perto de 1:300.

(1) Em consequencia de D. Fr. Caetano Brandão se recusar a fallar aos feis que o procuravam fóra das horas por elle designadas chegaram a dizer—*que se recusava a fallar por estar embriagado. (!!!)*

espantosamente a Religião de Jesus Christo; levantam-se templos consagrados ao Deus vivo, que em poucos mezes cortam os ares com as grimpas de suas torres esbeltas, com a cuspide de suas arrojadas cupulas.

A cidade de Milwankee, nos Estados Unidos é uma testemunha viva do que deixamos dito, pois que, sendo a sua historia modernissima, de menos de um seculo talvez, vemos entre outras a magnifica igreja representada pela gravura que se admira na primeira pagina do presente numero da nossa revista.

Em 1869 um frade capuchinho collocava a primeira pedra para um convento em Milwankee n'um local pantanoso e abandonado por não ser apropriado para cousa alguma; esse terreno, porém, á sombra da cruz foi cultivado e está hoje coberto de formosos campos, verdejantes hortas e jardins. O convento está povoado de frades capuchinhos, entregando-se uns ao ensino, cuidando outros do amanho das terras e os restantes em encaminhar aquelles povos pelo caminho da verdade e da felicidade.

Na Paschoa de 1876 ainda os capuchinhos celebraram os officios divinos na primitiva igreja de madeira, e no dia de Todos os Santos d'esse mesmo anno era collocada a cruz no alto da torre da nova igreja, edificada no mesmo sitio onde estivera a antiga, terminando-se de todo as obras em 8 de fevereiro de 1877, dia em que foi consagrada pelo Arcebispo Martin Henni!

Em menos de um anno fôra construída a magnifica igreja que a nossa gravura representa e que um escriptor estrangeiro descreve nos seguintes termos:

«Se uma pessoa dotada de algum gosto artistico penetrar no templo por uma das tres portas da fachada principal fica maravilhado ao vêr a formosura e magnificencia que se nota no interior.

As bellas proporções das tres naves, a dupla fila de columnas enormes, a magnificencia dos altares, a singella e elegante decoração das abobadas, as pinturas que ornam os retabulos dos altares, e emfim, a disposição e ornamentação do sanctuario, tem tal harmonia e achase tudo tão esplendidamente ordenado, que, quem visita a igreja pôde exclaimar com satisfação:—Esta é em verdade a casa de Deus!

Possue esta igreja quadros e pinturas admiráveis, e foi construída por um architecto de New-York, chamado Guilherme Schickel e consagrada pelos padres capuchinhos ao patriarcha S. Francisco d'Assis.»

Aquí fica em rapidos e imperfeitos traços historiada a fundação d'este convento e igreja, cuja rapidez de construção causa espanto aos catholicos da

Europa costumados a vêr o prepassar de muitos annos e seculos até antes que se conclua uma igreja.

R.

### Retrospecto da quinzena

SABEMOS pelo *Diario do Governo* que S. Ex.<sup>ª</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo Primaz renunciara a mitra e que a renuncia fôra acceite pelo governo. Pelos outros jornaes sabemos que levava o Prelado Bracarense a dar aquelle passo o não haver sido cumpridas, no todo, as Bullas Pontificias. Deixemos que a questão se esclareça, e enquanto S. Ex.<sup>ª</sup> R.<sup>ma</sup> fica sendo para nós o Arcebispo de Braga; não reconhecemos no governo o direito de fazer bispos, e nem tam pouco de os desfazer.

A' hora a que escrevemos estas linhas não nos consta que a renuncia haja sido acceite por Sua Santidade; mas se o fôr que Deus inspire o governo na apresentação do novo Primaz, como o inspirara com a do Primaz do Oriente.

\* \* \*

Foram-nos enviadas pelo esclarecido collaborador d'esta folha, o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dom Antonio d'Almeida as seguintes noticias:

«ROMA: Dizem os despachos telegraphicos que o Snr. Giers (ministro dos negocios estrangeiros no gabinete de S. Petersburgo ora em viagem) apenas chegado a Roma pediu uma Audiencia de Sua Santidade: apressou-se pois para ser recebido no Vaticano, mas não teve presenca de *outra audiencia n'outro lugar*.

FRANÇA: M. Leon Say, ainda ha pouco membro do Ministerio francez, de recente criticou o *luxo* com que têm sido construidos os edificios para escolhas *sem Deos* na França; estas vão perdendo o conceito até entre os *republicos* e a prova está na redução (proposta pela competente commissão) de meio milhão de francos abatido no respectivo capitulo do orçamento geral do Estado francez. A *gente de bem* sempre considerou aquellas escolhas como escolhas taticas.

AUDIENCIA: No dia 27 de Novembro deu Sua Santidade Audiencia a Monseñor o Arcebispo de Florença e a muitos Bispos da Irlanda, que foram despedir-se do Soberano Pontífice em vespera de volta ás suas Dioceses. A união do Episcopado com o Bispo dos Bispos é firme e cada vez se accentua mais. Só os ce-

gos porque *fecham os olhos* assim o não vêem; ou antes, mentindo, negam o que vêem.

DESESPERO INFERNAL: Os orgãos da Revolução, mesmo de aquelles que se reputam *avelludados* têm ultimamente mostrado do que sam capazes seus *representados* logo que as Potencias se decidam a obrar de modo que o Papa deixe de ser *prisioneiro*; antes que as Potencias se decidam a desafferrolhar aquella Veneranda Prisão, antes que o Successor de S. Pedro possa repetir o «*Nunc Scio*»—*la dynamite aurait fait son oeuvre, le Vatican serait mis à feu et à Sang*, dizem elles!—que sam capazes de isto não duvidamos nós! Mas menos podemos duvidar do Poder de Deos que pôde reduzir a *nada* as machinações e armas mais duras!!!

\* \* \*

O liberalismo offerece scenas que, se não contristam os corações bem formados promoveriam a gargalhada dos vivos.

Na *redemida* Italia deu-se ha pouco um facto, segundo as gazetas, que prova em demasia o que deixamos dito. O Principe Filangeri offereceu á cidade de Napoles o seu magnifico museu; mas o agente do fisco, terrivel sempre, mandou-lhe a casa uma tira de papel (a do costume em toda a parte) *convidando-o* a pagar uns cincoenta e tantos contos de réis, como imposto de doação.

O Principe foi a Roma e disse ao ministro da fazenda:—O fisco exige de mim 50 e tantos contos de réis de contribuição pelo museu que offertei á cidade de Napoles. Pois bem; ainda que me custe Napoles não o possuirá. Em Pariz põem á minha disposição tres salas do Louvre, e eu vou acceitar. Farei, porém, collocar á entrada das portas a seguinte inscripção:

«Este museu estava destinado para a cidade de Napoles, e o fisco italiano obrigou o seu proprietario a mandal-o para o estrangeiro.»

Se por esta noticia nos apodarem de politico antes que catholico, que lhe havemos de fazer! Os jornaes estrangeiros dizem-no, nós copiamol-o.

A *Civilisacion*, de Madrid, diz:

«O conde Helion de Barreme dirigiu uma importante carta ao nosso illustre amigo D. Santiago Margotti, que conclue assim:—«Reputo seguro e proximo o restabelecimento da monarchia christã e franceza, representada por Henrique v e por seus legitimos successores.

«Em 1873 me pedisteis esta carta sobre a restauração da monarchia em França, e eu vol-a envi em 1882.»

Isto diz a *Civilização*. Se por dar uma tal noticia merecemos as malcrenças dos amigos da *liberdade*, que lhe havemos fazer?!  
 \_\_\_\_\_

Nós já sabiamos que os jornaes liberaes não são catholicos, como o não são todas as pessoas que professam o *liberalismo* condemnado pela Igreja. Falta-va que os proprios jornaes liberaes o viessem afirmar publicamente. Vieram!

O *Diario Illustrado*, de Lisboa, dava ha dias a seguinte noticia:

«São hoje impressos com tinta portugueza os jornaes seguintes:

«Diario de Noticias, Diario Popular, Diario de Portugal, Atlantico, Jornal do Commercio, Jornal da Noite, Progresso, Folha do Povo, Era Nova, Seculo, Economista, Revolução de Setembro, Povo Ultramarino, Correspondencia de Portugal, Pimpão, Trinta diabos & C.ª, Espectro da Granja, *Cruz do Operario*, Primeiro de Janeiro, Jornal da Manhã, Voz do Povo, Lucta, Justiça Portugueza, Gazeta Militar, *Zé Povinho*, Commercio de Penafiel, Progresso do Norte, Campeão das Provincias, Independente, Regoense, Sul e outros. Entre tantos jornaes só um catholico!»

São 31 os jornaes nomeados e entre elles só o *Diario Illustrado* (que tambem é da conta) encontra um catholico—A *Cruz do Operario*! Os 30 restantes estão fóra do gremio da Igreja, não são catholicos!

Mas, caso extraordinario, fosse o *Progresso Catholico* dizer que algum dos jornaes mencionados não era catholico! Que herraria! que destempero por ahi não iria!

Não pomos mais na *carta*: fiquem sabendo que os jornaes liberaes não são catholicos. E' o *Illustrado* que o diz, e nós acreditamos na sua palavra.  
 \* \* \*

O *Malhete* (façamos o signal da cruz) onção da maçonaria, dá a seguinte noticia:

«*Maçonaria*.—Dizem-nos que Fontes *augusta* se prepara para empolgar a suprema *chefatura* da maçonaria em Portugal, se bem que D. Fernando tem tambem aspirações e partido para o *caso*».

Não nos parece que isto seja verdade, mas se o é; se a maçonaria portugueza aproveitar qualquer dos dois, ella dará assim o ultimo arranco perante o mundo honesto e illustrado.

Pois se a maçonaria é em toda a parte radical ou extremamente avançada—como é que a portugueza desce a aproveitar semelhantes chefes? Pois a maçonaria portugueza terá de ser reputada a um tempo pulha e reaccionaria? Mas uma tal maçonaria nem se concebe!

E' verdade que quem já teve para chefe um *Paraty* deve ser capaz de tudo; mas que a gente digna a despreze se ella é o que se diz e capaz de descer a ponto d'aproveitar o ex-rainho e o hespanhol *principe* de tomate, do cavaquinho ou do que é.»

Ella ahi fica tal qual a dá o *dito*. Não dizemos se não que o homem que serve para dirigir o Estado não serve para dirigir a chafarica. Porque será? Por ser grande, ou pequeno de mais?

Responda o *Malhete* (cruzes!)

Para nós é que não serve para nada desde que sabemos ser membro da maçonaria. E, se elle o não havia de ser!

\* \* \*

Que, diga-se a verdade; parece-me que é ao seu governo que se deve uma das medidas mais financeiras de que ha conhecimento no mundo!

Os governos haviam creado para as grandes dificuldades o *papel-moeda*; mas agora foi creado o *papel-vinho*, que é de um resultado espantoso.

O governo estabelece nas recebedorias dos concelhos de todo o paiz grandes adegas de *papel-vinho* e obriga os consumidores a comprar uma porção do tal *papel-vinho* equivalente á quarta parte do vinho que comprar para gasto de casa. Por outra: eu compro a um lavrador uma pipa de vinho por 12\$000 réis e forçosamente tenho de comprar 3\$500 réis de *papel-vinho*, fornecido pela recebedoria do concelho.

Ora isto a titulo de imposto, era um absurdo, porque um imposto de 30 % nem a Allemanha o lançou á França depois de Sedan; mas olhado como meio de receita e mais ainda pelo lado moral, é de um effeito maravilhoso. E dizemos pelo lado moral porque o comprador do vinho, quando tenha despejado o que comprou ao lavrador, colloca no meio da mesa de jantar o *papel-vinho*, mostra-o á familia e a familia e elle ficam alguns mezes sem beber vinho, e, quem sabe? sem se embriagarem. Eis o grande lado por onde encaramos a questão.

Isto vae com vista a um assignante do *Progresso Catholico*, e nosso amigo, que tem grandes desejos de saber para onde vão as cinzas de quem morre em um incendio.

J. DE FREITAS.

**Felicitamos o nosso esla-recido collega «Diario de Noticias», de Erie, Estados Unidos, por haver entrado no 3.º anno da sua publicação. E felicitamol-o porque é um defensor da Cruz e que advoga a causa catholica na America do Norte na nossa lingua. Mil parabens e todas as felicidades.**

A REDACÇÃO.

**Temos recebido alguns re-latorios, que agradecemos ás respectivas direcções, e de que nos occuparemos proxima-mente.**

**O correio trouxe-nos ha dias uma carta multada com 50 réis, por não trazer estampilha. Trazia a marca de Ponte do Lima. Como não costumamos receber cartas que não venham franqueadas, e muito principalmente não conhecendo a lettra, não a recebemos.**

## BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

XXVIII

Não temos ainda espaço para mais que dar o resultado da subscrição que pela segunda vez vamos recolhendo.

*Segunda subscrição recolhida pelo «Progresso Catholico» para as obras do monumento.*

Dos Ex.<sup>mos</sup> e Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup>:

Padre Camillo Antonio de Fontaura, Sernache do Bomjardim.....	1\$000
Prior José Luiz da Silva, Meca	1\$000
Padre Bernardo Homem Cortê Real, Meca.....	1\$000
Padre Theotónio Rodrigues da Fonseca.....	1\$000
D. Margarida Augusta Sarmen-to, Celorico da Beira.....	9\$000
Padre Abel Cesario de Souza, Carregal.....	500

Somma.... 13\$500  
 Transporte do n.º 3..... 129\$475

Somma.... 142\$975

TEIXEIRA DE FREITAS.